



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ – SC
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

JESSICA SANTOS SILVEIRA

**HISTÓRIA E LOUCURA NO BRASIL ATRAVÉS DA OBRA DE LIMA
BARRETO**

CHAPECÓ

2021

JESSICA SANTOS SILVEIRA

**HISTÓRIA E LOUCURA NO BRASIL ATRAVÉS DA OBRA DE LIMA
BARRETO**

Trabalho de conclusão de Curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção do grau de
Licenciado em História da Universidade Federal da
Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Claiton Marcio da Silva

CHAPECÓ

2021

Ficha Catalográfica

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Silveira, Jessica Santos
História e Loucura Através da Obra de Lima Barreto /
Jessica Santos Silveira. -- 2021.
46 f.:il.

Orientador: Doutor Claiton Marcio da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2021.

1. Lima Barreto, Diário do Hospício, Depressão,
Loucura. I. Silva, Claiton Marcio da, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

JESSICA SANTOS SILVEIRA

**HISTÓRIA E LOUCURA NO BRASIL ATRAVÉS DA OBRA DE LIMA
BARRETO**

Trabalho de conclusão de Curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção do grau de
Licenciado em História da Universidade Federal da
Fronteira Sul.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado em:

27/01/2021

BANCA EXAMINADORA



PROF. DR.. CLAITON MARCIO DA SILVA (UFFS)

ORIENTADOR



PROF. DR. VICENTE NEVES DA SILVA RIBEIRO (UFFS)



PROF. MS. TIAGO JOÃO BENETTI (CONVIDADO)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA - LICENCIATURA
Rodovia SC - 484, Km 02, Bairro Fronteira Sul, Chapecó-SC CEP 89813-899, 3149-6426
historia.ch@ufff.edu.br www.ufff.edu.br

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Aos 27 dias do mês de janeiro de 2021, às 16 horas, através de videoconferência: <https://ufff.webex.com/join/claiton1>, pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) campus Chapecó, reuniu-se a banca avaliadora da monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História constituída pelos(as) professores(as): Professor(a) Orientador(a) Dr. Claiton Marcio da Silva, Professor(a) Dr. Vicente Neves da Silva Ribeiro e Professor(a) Avaliador(a) Ms. Tiago Benetti. O Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História - Licenciatura – elaborado pelo(a) acadêmico(a) JESSICA SANTOS SILVEIRA sob o título: *"HISTÓRIA E LOUCURA NO BRASIL ATRAVÉS DA OBRA DE LIMA BARRETO"*. obteve nota 9,0 sendo considerado aprovada.

Chapecó - SC, 27 de janeiro de 2021.

Dr. Claiton Marcio da Silva
Professor(a) Orientador(a)

D
Dr. Vicente Neves da Silva Ribeiro
Professor(a) Avaliador(a)

Ms. Tiago Benetti Professor(a) Avaliador(a)

TERMO DE PERMISSÃO DE ACESSO AO DOCUMENTO

TODA Nº _____ UFFS/001 _____

1 DADOS PESSOAIS DO AUTOR

Nome: Fernanda Santos da Silva
 CPF: 076.152.072-98 e-mail: fernanda_santos@ufrrs.br
 Telefone: 41 3501 2936 Celular: 41 97874 1516
 Vínculo de Afilição com a Instituição: () Docente () Técnico Administrativo () Funcionário
 Campus: Chopico

2 TIPO DE DOCUMENTO

- Texto (deve ser enviado em PDF-A) Assinale abaixo o tipo de texto do documento
 Tese () Dissertação (X) Monografia () E-book () Artigo científico
 Artigo de periódico () Artigo de evento () outro. Qual? _____
 Áudio (deve ser enviado em MP3)
 Vídeo (deve ser enviado em MP4)
 Imagem (deve ser enviado em TIFF ou JPEG)

Título: História e Geografia no Brasil
Atividades de aula de Turma Superior

2.1 Em caso de Tese ou Dissertação, informe:

Programa de Pós-Graduação: _____
 Instituição: _____
 Agência de Fomento: () CAPES () CNPq () FAPESP Outra: _____

2.2 No caso de Trabalho de Conclusão de Curso, informe:

Curso: Licenciatura em História
 Campus: Chopico

3 PERMISSÃO DE ACESSO AO DOCUMENTO

- Total
 Parcial
 Emissão: Quantos anos? _____

Em caso de acesso restrito ou embargo ao documento, faz-se necessário a apresentação de documento que comprove a pesquisa envolverem patentes, segredo industrial ou uma futura publicação (ex: carta de aceite do artigo em periódico científico; parecer do orientador informando que a pesquisa envolve segredo industrial).

Na qualidade de titular dos direitos autorais do trabalho citado, em consonância com a Lei nº 9610/98, autoriza a Biblioteca da UFFS a disponibilizar gratuitamente, por tempo indeterminado, em sua base de informação institucional on-line, sem ressarcimento dos direitos autorais, o referido documento de minha autoria. Também concedo à biblioteca, a escolha do formato de disponibilização do conteúdo que julgar ser o mais adequado, para possibilitar seu acesso por meio de áudio, visualização, leitura, impressão e/ou download, conforme permissão assinada. Quaisquer medidas jurídicas ou extrajudiciais concernentes ao conteúdo acima de minha autoria são de minha inteira responsabilidade.

Local: Chopico em _____ de _____ de 20____
 Assinatura: Fernanda Santos da Silva
 Assinatura: Fernanda Santos da Silva
 Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

As mulheres da minha vida, mãe Isabel Cristina e irmã Jaqueline Silveira, pela inspiração de seguir a vida com alegria, pela paciência, confiança e amor que sempre dedicaram a mim. E ao meu companheiro Carlos Eduardo Mariani, pela companhia, amor, zelo que sempre dedicou a mim.

Aos amigos que formei durante essa passagem universitária Jessica Giaretta, Vanusa Lazarotto, Tiago Benetti e Maiara Altenhoffen, pois sempre estiveram presentes me mantendo firme no propósito acadêmico. Verdadeiros companheiros que compartilharam alegrias, histórias, lágrimas e um bocado de boas risadas comigo.

Ao orientador deste trabalho, Dr. Claiton Marcio da Silva, ao incentivo dedicado a este trabalho, a sua sensibilidade, profissionalismo e cuidado, que pude sentir enquanto sua orientanda.

Por fim, sou grata a tudo que vive nesses longos anos de vida acadêmica, pelas experiências, pelo amadurecimento, conhecimento adquirido e, por esse olhar histórico que levo para que a vida seja conduzida com um pouco mais de sabedoria.

Emergência

Quem faz um poema abre uma janela.
Respira, tu que estás numa cela
abafada,
esse ar que entra por ela.
Por isso é que os poemas têm ritmo
– para que possas, profundamente respirar.

Quem faz um poema salva um afogado.

(Mário Quintana)

RESUMO

O presente trabalho tem como proposta analisar a obra “Diário do Hospício”, do literato Lima Barreto, publicada postumamente em 1953. O diário foi escrito em 04 de janeiro de 1920 quinze dias após a sua internação no Hospital Nacional de Alienados, localizado na cidade do Rio de Janeiro. Seu diário é um grande testemunho, e mais do que isso é o olhar intelectual de um paciente que observou criticamente o ambiente manicomial, sua estrutura física, o comportamento dos outros internos e, corpo de funcionários e médicos. Dessa forma, a fonte literária escolhida permite dialogar conceitos, como o de solidão, loucura e, principalmente conhecer os caminhos percorridos da história manicomial e da compreensão das doenças da mente e de como foram percebidas no Brasil entre os séculos XIX e início do XX. Para tanto, a análise das narrativas de Lima estarão amparadas a partir do conceito de representação do real, de Roger Chartier e também apoiadas pelos trabalhos de Lilia Schwarcz em “Triste Visionário” e Magali Engel em “A loucura, o hospício e a psiquiatra em Lima Barreto”. Os resultados do trabalho possibilitarão uma ponderação com maior sensibilidade aos assuntos supracitados.

Palavras-chave: Lima Barreto, Diário do Hospício, Loucura, Literatura.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the work “Diário do Hospício”, by the literary writer Lima Barreto, published posthumously in 1953. The diary was written on January 4, 1920, fifteen days after his admission to the National Hospital for Alienated, located in the city from Rio de Janeiro. His diary is a great testimony, and more than that, it is the intellectual look of a patient who critically observed the asylum environment, his physical structure, the behavior of other inmates, and the staff of employees and doctors. In this way, the chosen literary source allows a dialogue between concepts, such as loneliness, madness and, mainly, to know the paths taken by asylum history and the understanding of diseases of the mind and how they were perceived in Brazil between the 19th and early 20th centuries. Therefore, the analysis of Lima's narratives will be supported by the concept of representation of the real, by Roger Chartier and also supported by the works of Lilia Schwarcz in “Triste Visionário” and Magali Engel in “A madness, the hospice and the psychiatrist in Lima Barreto ”. The results of the work will allow for a more sensitive consideration to the aforementioned subjects.

Keywords: Lima Barreto; Diary of Hospice; Madness; Literature.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. LIMA BARRETO, LOUCURA E UMA BREVE HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA BRASILEIRA	17
2.1 UM SOPRO DA HISTÓRIA PSIQUIÁTRICA DO BRASIL	17
2.2 UMA PROSA ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA.....	23
3. DIÁRIO: UM INSTRUMENTO DO EXISTIR E RESISTIR	29
3.1 UM PASSEIO PELOS LABIRINTOS DO DIÁRIO.....	30
3.2 OS LOUCOS DO “DIÁRIO”	39
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

1. INTRODUÇÃO

Quando os grilos começam a cantar num domingo qualquer, prenunciam uma chegada, é o anoitecer. É um anúncio! Mas, para milhares de pessoas no mundo será um recado carregadamente prostrado. Pois irá lembrá-los que mais uma maratona semanal se iniciará, e com ela, as missões, as metas, os objetivos materiais, intelectuais e, emocional que todo ser humano contemporâneo é de alguma maneira obrigado a conquistar. Sem esquecer ainda, da necessidade intrínseca de provar midiaticamente aos olhos ansiosos e julgosos do outro o seu ufanismo sufocante.

Início este trabalho, aduzindo uma centelha dos milhares de sintomas que um indivíduo emergido na doença que mais assombra o mundo pode sentir; o nome dela? Depressão. Nos últimos anos a palavra depressão tornou-se comum nos portões universitários, nos consultórios, na conversa de bar, é possível cada dia mais ouvir as pessoas afirmarem que estão depressivas. Mas, o que isso quer dizer sobre a sociedade que se está inserido? E mais, diante de tamanha frequência da palavra por que ainda há tantos tabus, medos e estigmas. Qual é o grande mistério por de trás dela?

Se propõe aqui um trabalho historiográfico, com interesse em analisar a obra literária “*Diário do Hospício*” do autor Afonso Henriques de Lima Barreto, com intuito de compreender de que maneira a loucura, depressão e as doenças da mente foram percebidas e produzidas no Brasil da primeira república. Além disso, utilizar a fonte literária para dialogar com os conceitos de solidão, loucura, espetáculo da loucura, imaginação/sensibilidade artística, e de como se percebem as mudanças e permanências no cenário nacional atual. É sensato dizer, que neste trabalho não se pretende discutir o que é a depressão, a loucura e seus tratamentos, visto que não se trata de uma construção com perspectivas da área saúde, mas sim retratar como se deu esse movimento histórico e social a partir da ótica artística de Lima Barreto.

O Brasil é vulgarmente conhecido por um estereótipo de país alegre e festivo, mas, de acordo com as Organizações de saúde, vê-se que a depressão tem “saído do armário” e demonstrado que o “país do carnaval” tem muito mais alegorias soturnas. Segundo os índices da Organização Mundial da Saúde (OMS) é um dos países latino-americano com as taxas mais altas de depressão, conforme aponta reportagem do jornal da Universidade de São Paulo,

O Brasil é considerado o país mais ansioso e estressado da América Latina. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), nos últimos dez anos o número de pessoas com depressão aumentou 18,4%, isso corresponde a 322 milhões de indivíduos, ou 4,4% da população da terra. No Brasil, 5,8% dos

habitantes – a maior taxa do continente latino-americano – sofrem com o problema (GRACIOLI, 2018, p.35).

A soturnidade se confirma também quando ouvíamos a canção “*Amarelo*” do compositor Emicida (feat. Belchior), ao ouvirmos mais uma das inúmeras demonstrações de que a depressão e o mal-estar social é uma constante na vida de homem e mulheres contemporâneos

*Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência, me resumir a sobrevivência
É roubar o pouco de bom que vivi
Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem, é o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir
Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro*

Consegue-se mais do que perceber, consegue-se sentir a aura depressiva e inquietante que paira sobre o ar da pós-modernidade e, o quanto isso vem consumido os sujeitos que eufemicamente dela são alimentados, ou seriam envenenados? Quando o compositor/cantor afirma que “tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro, ano passado eu morri mais esse ano eu não morro”, entende-se mais do que licença poética, revela-nos o quanto indivíduos que sofrem de transtornos mentais como a depressão lutam constantemente contra algo tão subjetivo que nem eles entendem, e de uma ciência que não consegue definir com exatidão do que se trata o sofrimento psíquico do homem contemporâneo. A subjetividade na qual essa patologia esta emergida é tão paradoxal, complexa e ambígua que cada dia mais pessoas são diagnosticadas com a conhecida enfermidade do século XXI.

A depressão considerada por muitos como uma doença da atualidade, é na verdade corriqueira conhecida da historia da humanidade. Ao longo dos séculos a depressão foi denominada com diversos desígnios, sendo alguns deles melancolia, monomania, luto melancólico, histeria. Por esse motivo, é salutar rememorar o surgimento da depressão no decorrer da história, como ela foi diagnostica e observada no mundo ocidental. É indispensável advertir que esse texto utiliza a palavra depressão em momentos da história em que ela era classificada com outro nome.

É do mundo antigo grego que se tem os primeiros escritos sobre aquilo que hoje

entendemos como depressão. O filósofo Hipócrates IV a.c, inaugura uma nova forma de avaliar os problemas relacionados a mente, distanciando os sofrimentos mentais do caráter sagrado religioso. Assim, por meio da teoria dos humores, temos um estudo que apresenta à melancolia características biológicas “uma afecção sem febre, na qual o espírito triste permanece sem razão fixado em uma mesma ideia, constantemente abatido” (HIPÓCRATES, Apud, GONCALVES; MACHADO, 2007 p.299). Conta-se também com estudos de Aristóteles que compreendia as enfermidades mentais como um desequilíbrio dos humores.

O conceito de humor era entendido pelos gregos como uma substância que se encontrava dentro do organismo e que agitava a vida, retirada de Hipócrates e posta em relação à doença melancólica é considerada presente principalmente entre os conhecidos como sujeitos de exceção. (CLARA, 2009, s/n)

Os sujeitos de exceção eram conhecidos por serem artistas, filósofos, poetas, havia certo louvor em sentir-se melancólico, já que tais sentimentos eram considerados parte da genialidade e do poder de imaginação. O racionalismo grego perdurou durante muitos séculos na Europa, ingerindo fortemente o modo de tratar as doenças.

Contudo, com a ascensão do período medieval a melancolia passa a ser avaliada e julgada a partir de pressupostos fortemente religiosos, era considerado melancólico aquele que esta em falta com Deus ou também, daqueles que estão envolvidos com o diabo. A igreja católica passou a compreender a melancolia como uma doença da alma, pertencendo ao pecado da acedia.

Durante o período moderno, a renascença com seus resgates culturais da antiguidade clássica, romantizou a depressão/melancolia como uma carga inerente aos intelectuais, o sentir-se melancólico era o preço pago pela genialidade artística. Mas, no decorrer dos séculos XVII e XVIII há uma ruptura entre a melancolia, capacidades intelectuais e a genialidade, perdendo assim seu prestígio artístico e lúdico. Em tempos em que o racionalismo é a ordem do dia, ser um sujeito com as razões afetadas era um grande fardo.

No entanto, a real ruptura que ocorre dentro do espectro depressivo/melancólico, acontece no século XIX, a partir de uma amplitude da ciência e da medicina. Que passa a questionar, investigar e dar espaço as doenças da mente e suas disfunções em seus manuais e teorias. Apesar disso, é importante salientar que as percepções sociais dessa enfermidade não serão mais glamourizadas como na outrora renascença, mas sim, recoberta por estigmas contraproducentes.

Com o advento do saber psiquiátrico, os transtornos da mente foram considerados doenças mentais. Nessa fase, é grande o interesse médico por classificar as doenças, o que se atenta é a grande dificuldade de classificar/subclassificar a depressão perante sintomatologias variáveis e abstrações.

Um dos grandes destaques desse período, foi Sigmund Freud criador da psicanálise, suas teorias sobre a psique humana são de tal relevância que suas considerações tem sido ensejo às novas discussões e influência na produção do discurso ocidental dos últimos cem anos.

Se faz necessário expor que o surgimento da psicanálise como ciência tem como base de estudo um fenômeno ocorrido no século XIX, a Histeria. Doença que acometeu fundamentalmente a população feminina e apresentava sinais sintomáticos como cegueira, convulsões, pânico, tristeza e afecções variadas.

Freud mostrava-se incrédulo e descontente com os métodos pretensamente científicos empregados pelos neuropsiquiatras contemporâneos e resolveu empregar o método do hipnotismo com suas pacientes histéricas, partindo do princípio de que a neurose provinha de traumas sexuais que teria acontecido na infância por sedução de homens mais velhos, mais precisamente os próprios pais. (ZIMERMAN, 2007, p.22)

Remontar a histeria é salutar, pois assim como no século XIX essa doença foi filha de seu tempo, com sintomas que refletiam as castrações de uma sociedade prevalecente patriarcal repressora dos desejos femininos. Mas, mais do que isso, foi por meio dos estudos psicanalíticos das histéricas que surgiu a necessidade de ouvir as narrativas e seus devaneios oníricos para a compreensão das dores do corpo e da mente.

A Depressão na atualidade se mostra de algum modo, ser a histeria hodierna. Segundo a última estimativa da OMS ela acomete em média 300 milhões de pessoas no mundo, é compreendida como transtorno mental, se revelando em três níveis conforme o seu grau de intensidade, podendo ser leve, moderada ou grave, o tratamento vai desde a medicalização unida a processos psiquiátricos nos casos agudos, ou psicoterapias para os outros níveis.

É curioso pensar que a psicanálise surge de um processo da fala, e ainda hoje a explanação do sentir/existir se mostra uma das principais ferramentas para se combater a depressão. A OMS entende e difunde que dialogar é o primeiro passo para o tratamento da doença. Visto que, a incidência depressiva aumenta drasticamente ano a ano, em 2017 foi lançada a campanha mundial “Depressão: Vamos Conversar?”, pretendendo que mais pessoas busquem ajuda e tratamento, bem como de sensibilizar a sociedade conforme aponta Shekhar Saxena, Diretor do Departamento de Saúde Mental

“O estigma contínuo associado ao transtorno mental, foi a razão pela qual decidimos nomear a nossa campanha de “Depressão: vamos conversar”.¹

Entende-se que conversar sobre o transtorno mental que mais afeta pessoas no mundo é de suma relevância, pois o seu nome tem sido protagonista nos mais diversos lugares. Apesar disso vê-se um grande desconforto social quando descoberto que se a tem ou até mesmo uma certa desconfiança quando alguém narra o seu enredo depressivo, visto ainda hoje como louco e por vezes enxergando-se louco por sentir determinados sintomas que não consegue compreender, por essa razão esse trabalho se debruça sobre a temática, analisando os trabalhos, artigos e livros já produzidos sobre o tema supracitado.

É diante desse quadro que se pretende expor no primeiro capítulo, intitulado “Lima Barreto, Loucura e uma Breve História da Psiquiatria Brasileira”, uma análise bibliográfica sobre a história das instituições psiquiátricas no Brasil aos fins do século XIX e meados do XX. Assim como, dos primeiros estudos sobre a loucura e as doenças mentais no país. Já no segundo capítulo, chamado “Diário: um instrumento do existir e resistir”, é designado à análise da obra em si com o propósito de buscar conhecer os caminhos que percorreu a depressão e a loucura dentro da história nacional, de como ela se relaciona com as atuais percepções e, de como enxerga-se através da depressão moderna a loucura social moderna.

¹ Disponível em:

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5385:com-depressao-no-topo-da-lista-de-causas-de-problemas-de-saude-oms-lanca-a-campanha-vamos-conversar&Itemid=839 , acesso em 15/11/2019

2. LIMA BARRETO, LOUCURA E UMA BREVE HISTÓRIA DA PSQUIATRIA BRASILEIRA

2.1 UM SOPRO DA HISTÓRIA PSIQUIÁTRICA DO BRASIL

Os termos centralização, descentralização, desinstitucionalizar são comuns na história da saúde pública do Brasil, em razão das sucessivas reorganizações administrativas que atravessou. Os itinerários pelo qual percorreu a história da saúde situam-se paralelos a história social, seus contextos políticos assim como da “modelação estrutural/econômica da sociedade” (LUZ, 1991, p.77).

Dessa forma, os percursos históricos ocorridos acerca da assistência conferida aos indivíduos com doenças mentais no Brasil transpôs inúmeras transformações no decorrer do século XIX e XX, trazendo novas abordagens científicas e metodológicas correlacionadas ao seu contexto social e político. Aqueles que antes eram vistos como alienados, que viviam fora da realidade ou mesmo classificados unicamente como loucos, viram nas últimas décadas algumas das suas demandas atendidas, ao obter um tratamento diferenciado em sua jornada, buscando entender suas limitações, particularidades e assim respeito e espaço na sociedade.

Apesar de expressivos avanços no tratamento assistencial dessas patologias, a história revela que tais tratativas nem sempre foram as mais adequadas. A humanização do atendimento é tardia, fazendo que a estigmatização destes indivíduos ultrapassassem barreiras temporais, sociais e econômicas.

A displicência dos familiares, a vergonha e o acobertamento de pessoas com problemas mentais, fez com que muitas vezes estes indivíduos fossem vistos como indesejados, demonizados, desordeiros desocupados e, por consequência, marginalizados. Tais ações contribuíram para a inconsistência de um atendimento diligente destes pacientes.

Através de todo o período colonial, os alienados, os idiotas, os imbecis foram tratados de acordo com suas posses. Os abastados e relativamente tranqüilos, eram tratados em domicílio e às vezes enviados à Europa (...). Se agitados punham-nos em algum cômodo separado, soltos ou amarrados, de acordo com a intensidade da agitação. Os mentecaptos pobres, tranqüilos vagueavam pelas cidades, aldeias ou pelo campo (...). Os agitados eram recolhidos às cadeias onde barbaramente amarrados e piormente alimentados muitos faleceram mais ou menos rapidamente. (MOREIRA, apud ODA; DALGALARRANDO, 2004, p. 129).

A partir das reformas políticas e sociais ocorridas na França após o século XVIII e com o advento das revoluções Francesa e Industrial, trouxeram reflexões em teóricos acerca de tais assuntos.

Neste sentido, destaca-se a obra de Philippe Pinel (1745-1826), que contribuiu para o surgimento de uma nosografia², assim como da própria instauração do saber psiquiátrico, tornando a loucura, a mania, melancolia uma questão de saúde que deveria receber um tratamento médico especializado.

[...] as concepções de Philippe Pinel anunciariam os começos de uma nova forma de experiência da loucura, cabendo ao pai da psiquiatria francesa, segundo Castel (1978:81), o trabalho fundamental de construir a “síntese alienista”, por meio da articulação de três dimensões que, embora presentes nas diretrizes anteriores da medicalização, assumiriam novo significado: “classificação do espaço institucional, arranjo nosográfico das doenças mentais, imposição de uma relação específica de poder entre o médico e o doente (ENGEL, 2001, p.118).

A sistematização da loucura, melancolia/depressão apoiada em suas características, abriram precedentes para as mais variadas abordagens e metodologias. Porém, as instituições psiquiátricas fugiam dos ideais planejados pelos primeiros médicos/psiquiatras transformando-se em locais de repressão, isolamento, cronificação, violências físicas e mentais, a mercê do atendimento do médico que neste período histórico era chamado de alienista, aquele que intervencionava os alienados à realidade, assim eram denominados, “[...] o alienado seria aquele que "não tem habitualmente consideração por nenhuma regra, nenhuma lei, nenhum costume, ou melhor, desconhece-os todos; cujos discursos, postura e ações estão sempre em oposição [...]” (ENGEL, 1998 p.548).

Além do trabalho de Pinel, destacam-se nesse período os estudos de Esquirol, (aluno e seguidor de Pinel), um dos primeiros teóricos da psiquiatria, integrando juntamente com Benedict-Augustin Morel (1809-1873) e Edouard Séguin (1812-1880), a escola francesa, precursora no desenvolvimento teórico e acadêmico da psiquiatria.

No decorrer do século XIX, destacam-se os trabalhos de Emil Kraepelin, integrante da corrente organicista alemã, que possibilitou novas abordagens e referências para uma nova e crescente geração de especialistas que viriam a beber desta fonte para estruturar seus trabalhos. Na virada do século XX, Freud cria a psicanálise disseminando em todo o mundo sua abordagem clínica, impondo-se como marco no campo da saúde da psique humana.

² Nosografia: a ciência que trata da classificação das doenças.

As abordagens e entendimentos a respeito da estruturação dos hospitais no Brasil seguiam a identificação como uma instituição religiosa destinada a amparar/abrigar doentes pobres, forasteiros e outros. Segundo o professor e psicanalista Roberto Machado a respeito dos primórdios dos hospitais no Brasil, a instituição;

Não tem por objetivo a saúde, mas a salvação: o plantão, por exemplo, é do “capelão da agonia”. Sua arquitetura não obedece a um plano médico. Não há médico em sua administração. A assistência hospitalar é, portanto, menos uma assistência à doença do que à miséria na hora da morte, parte de uma ação criativa da Santa Casa da Misericórdia que inclui crianças abandonadas, indigentes e prisioneiros (MACHADO, 2008, P. 17).

No século XIX, ocorre no Brasil uma ruptura com o passado que pode ser compreendida não só a partir de transformações médicas, mas também relacionadas a modificações socioeconômicas e políticas, proporcionadas principalmente com a vinda da corte portuguesa para o Rio de Janeiro, ameaçada pela invasão das tropas napoleônicas, pela abertura dos portos e o fim das políticas econômicas e educacionais no território brasileiro, alterando o status do Brasil como colônia, transformando-se no reino unido com Portugal e Algarves, buscando a modernização e ajustes de determinados setores locais para atender as demandas das novas transformações ocorridas.

Diante de um quadro onde a urbanização vai se tornando uma das centrais propostas do poder estatal, a presença e a livre circulação dos chamados loucos (engloba-se aqui alcoólatras, desempregados, epiléticos, histéricas, etc.) torna-se cada vez mais incômoda, promovendo grandes “limpas” nas capitais do país. Nesse contexto, se tratando das instituições médicas e dos profissionais que nelas trabalham, onde

O papel que desempenham os médicos tem um objetivo claro: combater a desordem social, o perigo dos homens e das coisas decorrente da não planificação da distribuição e do funcionamento da cidade. A medicina começa a se interessar por tudo o que diz respeito ao social. Deixa de ter fronteiras. Peça integrante da nova estratégia política de controle dos indivíduos e da população, vai pouco a pouco – não sem lutas e obstáculos – impregnar o aparelho de Estado e se interessar por instituições como a escola, o quartel, a prisão, o cemitério, o bordel, a fábrica, o hospital, o hospício. (MACHADO, 2008, p.17),

Neste sentido, as novas prerrogativas a respeito das abordagens sobre as patologias da mente, sendo que

O Hospício de Pedro II significou a possibilidade de inserir, como doente mental, uma população que se começa a perceber como desviante nos dispositivos da medicina social nascente. De que forma? Realizando os seguintes objetivos: isolar o louco da sociedade; organizar o espaço interno

da instituição, possibilitando uma distribuição regular e ordenada dos doentes; vigiá-los em todos os momentos e em todos os lugares, por meio de uma “pirâmide de olhares” composta por médicos, enfermeiros, serventes...; distribuir seu tempo, submetendo-os ao trabalho como principal norma terapêutica. (MACHADO, 2008, p.18).

Embora exista na estruturação dos hospícios a intenção do curar e resolver definitivamente os problemas dos pacientes, todavia, o que se observava não correspondia às pretensões dos seus entusiastas, como afirma Machado a respeito da ineficácia da “máquina de curar” (2008, p. 18).

O primeiro Hospício do Brasil inicia sua história em 1841 na cidade do Rio de Janeiro, com a prerrogativa de comemorar a maioridade do Imperador Dom Pedro II, por meio do Decreto n. 82/1841 e inaugurado em 1852. Segundo Miranda Sá Jr (2007, p.157) “já nasceu moderno, pois seguiu o recém instituído modelo francês e serviu de paradigma para os demais que o seguiram”.³

Ficou conhecido como “Palácio dos Loucos”. Contudo, apesar da estrutura suntuosa, arquitetura imponente e pan-ótica⁴, gradativamente com o passar dos anos, a deterioração e a falta de investimentos fizeram com que se tornasse ineficaz o tratamento dispensado aos doentes. Embora a crescente população exigisse maiores atenções, a mesma não foi dispensada pelo governo da época, gerando uma grande defasagem no atendimento aos enfermos. O que se discutia nas cátedras médicas era a necessidade da medicalização da estrutura asilar; nesse caso a laicização da saúde era vista como algo imprescindível para que houvesse maiores progressos na condução da assistência aos internos.

Foi a partir do ato da Proclamação da República, no ano de 1890 que o Hospício Dom Pedro II, por meio do decreto nº 142 desliga-se da administração religiosa da Santa Casa de Misericórdia e, passa então a ser dirigido por médicos e não mais por figuras eclesiásticas, assim como sua manutenção passa a ser um dever público do estado, denominando-se agora Hospício Nacional de Alienados. Nesse mesmo ano, é criada a Assistência Médico-Legal aos Alienados (Decreto nº 206, de 15 de fevereiro de 1890).

³ Ver obra de Philippe Pinel *Traité médicophilosophique sur l'aliénation mentale ou La manie*.

⁴ Panoptico é um sistema de construção que permite, de determinado ponto, avistar todo o interior de um edifício. Sendo assim, nas instituições manicomiais os enfermeiros realizariam essa tarefa de vigiar e inspecionar o local. Mas, que segundo Engel, o hospício Dom Pedro II posteriormente chamado de Hospital Nacional dos Alienados, (p.230, 2011) “afastava-se do modelo do Panóptico onde as regras de suavidade deveriam assegurar a integridade dos corpos dos prisioneiros. No controle da população internada combinavam-se os meios persuasivos com os meios coercitivos”.

Os primeiros grandes esforços partem de Juliano Moreira e Ulisses Pernambucano, sendo que observaram a necessidade de melhorias em determinadas atividades dos institutos, segundo Miranda Sá Jr (2007, p.157),

[...] diferenciando os serviços de psicóticos agudos dos crônicos, instituiu um serviço aberto para tratamento em regime de pensão livre, criou um sistema de educação especial e um serviço de saúde mental. Mas não viveu o bastante para ver prosperar sua obra nem para assistir à degradação de sua criação.

É notória a relevância de Juliano Moreira na cronologia da saúde mental brasileira, primeiro por ser um médico mulato e baiano, num período em que a mestiçagem no Brasil era vista como causas de inferioridade. Segundo, pela sua atuação genuína como diretor do Hospício Nacional dos Alienados, que imbuído pelos conceitos de Emil Kraepelin e Freud, participou de reformas e inovações, que o possibilitaram ser chamado de pai da psiquiatria brasileira.

Já no alvorecer século do XX o Brasil passava por um período de muitas epidemias, febre amarela, peste bubônica, malária, cólera. Essas doenças geravam um impacto de mortalidade nas cidades, pode-se destacar como referência a cidade do Rio de Janeiro que de acordo com a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) “angariara a reputação de Túmulo dos Estrangeiros e que matou, de 1897 a 1906, quatro mil imigrantes”.⁵

A partir desse quadro de caos sanitário, é nomeado no ano de 1903 Oswaldo Cruz como diretor geral de saúde pública, com a incumbência de combater os problemas sanitários que assolavam os centros urbanos, instaurando as chamadas campanhas sanitárias e as políticas de higiene pública. “Em termos de poder, o próprio nome sugere que o modelo campanhista é de inspiração bélica, concentra fortemente as decisões, em geral tecnocráticas, e adota um estilo repressivo de intervenção médica nos corpos individual e social” (LUZ, 1991, p. 79).

Esse tipo de política predominou por muitos anos na história da saúde pública e o que se deflagra é, que tanto o acesso a saúde pública/cidadã como as internações e assistencialismos à saúde mental sempre se fizeram por meio de um caminho coercitivo. Não se trata, porém, de vitimizar os indivíduos com doenças mentais, ou com tendências psicóticas e agressivas, alcoólatras/viciados, mas, de lembrar que o acesso a saúde no Brasil como um direito e, como prevenção é algo extremamente recente e nos

⁵ Informação disponível em: <http://www.funasa.gov.br/cronologia-historica-da-saude-publica#wrapper>. Acesso em: 10/11/2019.

permite um olhar mais tangível à atual situação dos indivíduos que sofrem com algum tipo de transtorno psíquico e de suas dificuldades em saná-las.

É importante ainda, destacar que durante o final do século XIX e meados do XX prevalecia no território nacional aspirações higienistas nímias e eugênicas, que propunham idealizações de uma sociedade superior, sem doenças e “ínscia”, que culminavam com o desejo de modernização, industrialização, progresso, purificação da cor/raça da sociedade brasileira, eliminando assim, a mestiçagem de seu horizonte. Com isso, em 1923 foi fundada pelo médico higienista Gustavo Riedel a Liga Brasileira de Higiene Mental.

O vínculo entre raça e doença mental indica outra pista importante para se avaliar as dimensões políticas e sociais assumidas pelo saber e pela prática alienista na sociedade [...] Para tanto lançaram mão, por exemplo, da idéia de que os negros e sobretudo os mestiços predispunham-se à loucura por serem povos degenerados por definição. Entretanto, mesmo quando não eram classificados a princípio como degenerados, os indivíduos pertencentes a tais raças eram vistos como intelectualmente inferiores (ENGEL, 1999, p. 252).

Apesar da evolução dos estudos sobre a mente, no decorrer do século XX, diversas terapias beiravam à barbárie. Havia o eletrochoque, o uso de medicações que provocavam convulsões e evasivos banhos gelados, buscando a “cura” da alienação dos pacientes. Embora com a descoberta de novos medicamentos e tratamentos para facilitar e proporcionar maiores resultados aos pacientes, a degradação no atendimento aos pacientes seguia depreciada, onde, de acordo com Miranda Sá Jr (2007 p. 157),

A degradação só poderia ser detida com a descoberta dos fármacos psicotrópicos, que possibilitaram o efetivo enfrentamento das enfermidades mentais. Foi a revolução psicofarmacológica. À penicilina, que tratava efetivamente a sífilis, acrescentaram-se os neurolépticos e os antidepressivos, que transformavam os portadores das grandes psicoses em pacientes ambulatoriais.

No desdobrar-se da história do país, outros hospitais psiquiátricos foram erguidos, muitos deles lembrados até hoje, como Colônia Barbacena, Colônia Santana, Hospital psiquiátrico Juliano Moreira e outros tantos. E o que os equiparam para além da função de medicalizar e asilar doentes? As inúmeras atrocidades cometidas com seus internos, a superlotação de pacientes, as torturas travestidas de remédio, a desracionalização de homens, mulheres e crianças, a morte através do descaso médico e também familiar.

Além disso, através da história asilar psiquiátrica pode-se também conhecer figuras peculiares, excêntricas, únicas, onde sua loucura transmite e transpassa os

limites impostos pela sociedade, pode-se e será destacado como protagonista central deste trabalho Lima Barreto, mas outras figuras se fizeram presente nessa história de loucura, tais como Arthur Bispo do Rosário, negro, pobre e interno do hospital Juliano Moreira, que através da arte construiu seu próprio mundo, linguagem e limites. Fica a dúvida aos espectadores do espetáculo do delírio se é ele quem conduz o sujeito para uma prisão institucional ou se é a instituição médica e a sociedade que cria e delimita o que deve ser considerado normal ou anormal ? Mas, por assim dizer termina-se aqui levantando uma questão talvez ainda sem resposta, o que significa exercer sua liberdade transversalmente a loucura?

2.2 UMA PROSA ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA

Quando se olha para a obra literária de Lima Barreto é impossível não se reconhecer em alguma letra de suas histórias ou, que se enxerguem nela enredos tão familiares à contemporaneidade. Com uma escrita literária combativa, de urgência e realista Lima trouxe em seus diversos textos o Brasil dos subúrbios, de cor negra, das falácias políticas e das injustiças sociais.

Um século se passa e as abordagens feitas pelo escritor, jornalista e cronista continuam vivas no debate popular e também acadêmico. Nos dias que correm, o Brasil vem passando por um período conturbado política, socialmente e principalmente no discurso que tange a preservação da moralidade, dos “bons costumes”. Retrocessos são vistos no próprio bem estar da cidadania, a corrupção tão falada nos jornais, as persistentes desigualdades raciais e de gênero, a exaltação ao conservadorismo, as intervenções no saber educacional e as censuras ao mundo artístico. Ao leitor que desconhece Lima Barreto, crê-se talvez, que ao folhear sua obra pela primeira vez, ficara na dúvida se a produção literária versa sobre a atualidade ou, reconta aos tempos de Lima.

Sua singularidade escrita se mescla a sua vida. Afonso Henriques de Lima Barreto um menino mulato, neto de escravos, nunca escondeu ou negou suas origens e seu passado. Nasceu sete anos antes da abolição da escravidão, no dia 13 de maio de 1881 na cidade do Rio de Janeiro. Filho de João Henriques de Lima Barreto tipógrafo e funcionário do império e de Amália Augusta Barreto professora primária de uma conceituada escola para meninas. Apesar de sua família ser um grande exemplo de que através da educação e das letras se “conquista” o seu espaço social, a mãe morre

precocemente, Lima tinha apenas seis anos de idade, o que gerou umas das primeiras desestruturas familiares.



Figura 1 – Amália Augusta (Mãe de Lima Barreto). Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142019000200137. Acessado em 05/03/2020

Sua vida estudantil aconteceu em escolas de grande desempenho, foi apadrinhado pelo ministro do império, o Visconde de Ouro Preto. Ingressou na Escola Politécnica em 1897, contudo não teve êxito e reprovou em diversas matérias, possivelmente pela já instável vida familiar que levava; órfão de mãe e, o pai que apresentava sinais de alienismo/loucura. Sendo ele o filho mais velho precisou amadurecer mais cedo e participar ativamente na vida dos irmãos mais novos

Evangelina, Carlindo e Eliézer, destarte “a experiência da loucura entraria na pequena família dos Lima Barreto para não mais sair” (Schwarcz, 2017 p.51).

Logo após a proclamação de República (1889), João Henriques demitido do seu cargo de tipógrafo, foi encaminhando por Visconde de Ouro Preto ao trabalho de administrador das Colônias de Alienados na Ilha do Governador- RJ. A loucura entraria definitivamente pela porta da frente na vida de Lima Barreto, como aponta Schwarcz (2017, p. 84) a respeito das primeiras impressões sobre a colônia, “ficaria para sempre impactado por essa infância peculiar vivida inteira na ilha [...] e, já na época, ao menino muito chamou atenção o aspecto rural e um tanto decadente da paisagem”.



Figura 2 - João Henriques (Pai de Lima Barreto). Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142019000200137. Acessado em 05/03/2020.

Sua “estrela” como romancista se dá em meados dos anos 1909 com a obra “*Recordações do Escrivão Isaías Caminha*”,

O romance trazia de tudo um pouco – crítica social, fofoca literária, bastidores do jornalismo; o suficiente para chamar bastante atenção e causar escândalo. A decisão se revelaria, porém, equivocada. A fria recepção que a obra mereceu é prova de seu desajuste, ao menos na época (SCHWARCZ 2017 p.227).

Possivelmente, sua obra mais conhecida no momento presente seja o romance satírico “*Triste Fim de Policarpo Quaresma*”, publicado inicialmente em folhetins do Jornal do Commercio em 1911 e em livro (pago com recursos próprios) no ano de 1916. O livro é dividido em três partes e narra a trajetória de Policarpo Quaresma, um patriota que é visto como incomum pela sociedade devido seus ideais nacionalistas e sua coragem de revelá-las. Esse romance além de fazer uma crítica feroz aos estrangeirismos importados, (branqueamento da população, linguagem, vestuário, arte, música) sobrepostos forçadamente pelo poder público no Brasil, destaca e da voz a loucura,

Outros comportamentos de Quaresma reforçam o atributo de “ser diferente”. Assim, o requerimento solicitado que o Congresso Nacional decretasse “o tupi-guarani como língua oficial do povo brasileiro” e o incidente do ofício redigido em idioma indígena viriam ampliar e consolidar a opinião de que ele era estranho, diferente e louco (ENGEL, 2009, p. 71).

Além das obras supracitadas, outras se fazem importantes como “*Numa e a Ninfa*”, “*Clara dos Anjos*”, diversas crônicas e sátiras. Entretanto, as produções que mais concernem à este trabalho são “*Diário do Hospício*” e “*Cemitério dos Vivos*”. Para chegar-se a elas com maior intimidade se faz necessário apresentar o contexto vivido por Lima Barreto.

Durante sua vida, alguns elementos a transpassam corriqueiramente. Destacando-se primeiramente a loucura, tendo ela protagonismo em quase toda sua existência, pois, se fez presente na vida do pai, também durante o período que viveu com a família na colônia de alienados e no seu próprio internamento no Hospício Nacional de Alienados, o alcoolismo, que coexistiu em sua vida desde o tempo que via seu pai se entregar a bebida até que ele também cedeu aos “encantos” do álcool,

A vida do rapaz era invadida pela bebida, e ele recorria à mesa de bar “com gosto”. No entanto, sempre procurava, e encontrava, toda espécie de motivos para explicar a melancolia e sua necessidade de beber (SCHWARCZ, 2017, P. 269).

Em meio a esse caminho aluído, no ano de 1914 é internado pelo próprio irmão no Hospício Nacional de Alienados chamado outrora de Hospício D. Pedro II, onde permanecerá de agosto a outubro do ano mencionado. Cinco anos mais tarde, no dia 25 de dezembro de 1919 é mais uma vez internado, onde segundo Engel (2009, p.58)

“Em ambas as experiências, Lima Barreto foi conduzido ao Hospício Nacional do mesmo modo que a maior parte dos reclusos nessa instituição, ou seja, por ação direta das autoridades policiais [...]”.

As internações forçadas abalaram ainda mais a vida já conturbada do escritor e é desse movimento que ele escreve “*Diário do Hospício*”, desenvolvido em sua segunda internação entre 1919 e 1920, composto por relatos, confidências e pequenas notas dispersas escritas a lápis em tiras de papel.

Em papéis soltos, registra a sua experiência na instituição psiquiátrica com tom de perplexidade cognitiva e contundente, os primeiros escritos datam de 4 de janeiro de 1920, quinze dias depois sua entrada. A escrita do diário é realista e objetiva, promovendo um pequeno trabalho interpessoal e etnográfico sobre o vivenciar em um manicômio,

O grande móvel que impulsiona Lima Barreto a sondar as profundezas do desconhecido mar da loucura seria a angústia produzida pelas suas próprias crises de alucinação e pelas experiências das internações delas decorrentes. Seria, pois, o esforço para buscar a verdade sobre si mesmo e sobre sua própria loucura. (ENGEL, 2009, p. 76).

Em “*Cemitério dos Vivos*”, romance que conversa com sua própria experiência e com a literatura ficcional. Obra inacabada, tendo apenas o primeiro dos cinco capítulos escritos publicados em vida por ele em 1921. Presenteia-nos com uma abordagem escrita que possui uma fronteira frágil entre a “loucura real” e a “loucura ficcional”, assim como aponta Schwarcz (2071, p.31): “Lima embaralha propositadamente tudo: seus personagens e sua própria realidade”.

O romance apresenta as desventuras de Vicente Mascarenhas, funcionário público, cheio de dúvidas sobre a vida e frustrações pela morte da esposa e da sua estrutura familiar debilitada. Mascarenhas é descrito como infeliz, sem esperança, sentimentos que o escoltam ao alcoolismo, à depressão e por fim, ao hospício. “*Cemitério dos Vivos*” é uma combinação entre seu testemunho e a ficção novelesca. Tanto “*Diário do Hospício*” como “*Cemitério dos Vivos*”, foram publicados em conjunto postumamente em 1953 e se constituem pelos temas da loucura, da depressão, do mal estar social, da repressão e coerção pública, envoltos é claro pelos véus da arte literária.

Afonso de Lima Barreto morre em 1º de novembro de 1922 aos 41 anos, mesmo ano em que seria inaugurado o modernismo artístico no Brasil. Iniciou nesse mesmo ano o romance “*Clara dos Anjos*”, mas não o viu ser publicado.

A vida de Lima Barreto foi amplamente marcada por esse cenário da loucura, mas também marcada pelas teorias do darwinismo social, da inferioridade de raça, da solidão, da depressão. E em seus trabalhos fica claro o quanto realidade e ficção se misturam de forma aguda.

Para o desenvolvimento teórico deste trabalho, será utilizado o conceito da representação do real, proposta por Chartier, que estabelece a relação entre o texto literário com a realidade observada, possibilitando uma ampliação do olhar sobre estas obras, aproximando-se da realidade histórica. Deve-se compreender que o texto literário não busca fazer uma simples descrição do tema abordado, mas se apresenta como uma realidade narrada através do texto, desenvolvida por meio da intencionalidade e na temporalidade do seu autor. Tais fatores levam a observar que a literatura é uma reprodução construída da realidade daqueles que escreveram a obra. Neste sentido, conforme Chartier (2002, p. 31),

Para além das designações e das definições importam, acima de tudo, a ou as maneiras como, em dado momento, os historiadores delimitam esse território imenso e indeciso e tratam as unidades de observação assim constituídas. Situadas no meio de oposições intelectuais e ao mesmo tempo institucionais, essas diversas maneiras determinam cada uma o seu objecto, a sua utilidade conceptual, a sua metodologia.

Por assim ser, muito além dos fatos e nomes, a História se utilizará da Literatura para se pensar em valores, sentimentos e sensibilidades de uma época passada, visto que a fonte literária possibilita esta análise.

Para Magali Gouveia Engel, no texto *A loucura, o hospício e a psiquiatria em Lima Barreto* observamos o desenvolvimento teórico acerca da obra do referido autor e do sujeito analisado, através da análise histórica de Engel, (2009, p. 65) onde, relata que,

As constantes tensões e interseções entre as dimensões individual e coletiva que constituem uma das marcas características da obra de Lima revelam a melindrosa posição ocupada pelo autor. Pobre e mulato, mas instruído, alimentava uma sensação de não-pertencimento, oscilando como um pendulo entre o lugar de observador e o de observado.

Tais observações são utilizadas principalmente no decorrer do texto, utilizando da visão da autora para traçar panorama e comparativos acerca da obra Lima Barreto, analisando a produção e o sujeito presente na obra.

Como delimitador teórico, temporário e histórico, será utilizada e analisada a obra de Lilia Moritz Schwarcz, "*Lima Barreto, triste visionário*", publicada em 2017, trazendo as marcas de uma sociedade em formação influenciada pela delimitação racial

e social, apresentando a vida e obra do autor em uma compreensão contemporânea, trazendo as singularidades compreendidas em meio a loucura, abstrações e arte acerca da produção intelectual de Lima Barreto.

Neste sentido, Schwarcz (2017, p. 19) observa que,

A vida e a obra desse escritor representam, portanto, um convite e um aceno. Lima nos incita a transgredir a fronteira do passado, atuando como um guia inesperado um timoneiro que não abre mão de incluir em sua obras suas batalhas, idiossincrasias, brincadeiras afetos e broncas. Um narrador que nunca se apaga diante do que acredita seu e de direito.

As referidas informações e conceitos teóricos apresentados buscam possibilitar o desenvolvimento e a análise de parte da obra de Lima Barreto, *Diário do Hospício*, através de uma narrativa histórica que busca o entendimento sobre o tratamento da loucura no Brasil.

O trabalho também está inserido na perspectiva da Nova História Cultural, tendo em vista que está pressupõe uma abordagem historiográfica voltada às relações discursivas simbólicas, a atenção aos detalhes e um afastamento da história dos grandes acontecimentos e dos próceres. Assim, a pesquisa está envolvida por tal percepção, pois, propõe uma análise de novos objetos como a loucura e obras literárias.

3. DIÁRIO: UM INSTRUMENTO DO EXISTIR E RESISTIR

O referido autor, objeto de estudo deste ensaio durante um curto, porém marcante período da sua vida esteve sob tutela de uma instituição psiquiátrica, onde obteve acompanhando de profissionais da medicina que conforme Barreto, nem sempre atendiam suas demandas e que pode ser evidenciado na seguinte citação do autor que comenta:

[...] É bem curioso esse Roxo. Ele me parece inteligente, estudioso, honesto; mas não sei por que não simpatizo com ele. Ele me parece desses médicos brasileiros imbuídos de um ar de certeza de sua arte, desdenhando inteiramente toda outra atividade intelectual que não a sua e pouco capaz de examinar por si. Acho-o muito livresco e pouco interessado em descobrir, em levantar um pouco do véu do mistério-que mistério!- que há na especialidade que professa. Lê livros da Europa, dos Estados Unidos, talvez; mas não lê a natureza.” (BARRETO, 2017, p. 37).

Nesse sentido, este capítulo aborda as impressões de Lima Barreto a cerca de sua passagem pela instituição manicomial, ao tratamento que lhe foi dispensado. Assim

como da sensibilidade, da percepção do universo manicomial e da transformação de uma experiência forçada ao moldes segregacionais do Estado em arte/testemunho⁶.

3.1 UM PASSEIO PELOS LABIRINTOS DO DIÁRIO

No natal de 1919, Afonso Henriques de Lima Barreto, foi internado pela segunda vez no Hospital Nacional de Alienados também conhecido como Pedro II. Ali, descreve em pequenas notas de papel, a lápis, sua passagem seu olhar atento à um mundo que conhecia desde a infância, quando morou no Hospital de Alienados na Ilha do Governador com seu pai e irmãos e, que agora se revelava mais uma vez como sua morada. Além da singularidade da *escrita de si*⁷ que se desenrola como testemunho de um período marcado pela humilhação e pelo esquecimento da sua persona aos alhos do *outro*; “Junto com a loucura vinha também a invisibilidade, da qual Lima tanto se queixava” (SCHWARCZ, 2017, p. 390).

Os primeiros registros escritos durante o período de reclusão datam de 04 de janeiro de 1920. Seu diário é composto por 10 capítulos sendo o primeiro deles, “O pavilhão e a Pinel” que apresenta as seções da instituição de alienados, na sequência “Na Calmeil” setor hospitalar onde os enfermos com condições financeiras melhores ficavam. “A minha bebedeira e a minha loucura” ponto em que Lima discorre sobre a sua doença e relata as circunstâncias materiais, sociais que o conduzem ao estado da “loucura”.

O capítulo seguinte chama “Alguns Doentes”, em que retrata as concepções sobre as histórias e, as vivências dos outros internos. A quinta parte é denominada “Guardas e Enfermeiros” e traz textos com teor de culpa, autopunição, assim como, uma análise sobre a organização dos funcionários do hospital. Os capítulos seguintes VI, VII, VIII, IX e X não possuem título, sua organização é numeral e os assuntos fluem de forma mesclada.

O trabalho utilizará como fonte principal o livro Diário do Hospício de Lima Barreto, a incursão ao livro não se dará de modo fechado ou sequencial no que diz respeito a ordenação dos capítulos.

⁶ Concerne esclarecer que tais documentos que chamamos de arte foram reunidos postumamente por sua irmã Evangelina e por seu biógrafo Francisco de Assis Barbosa na década de 50, na qual salienta Lilia Schwarcz “É preciso reconhecer também que ele jamais explicitou nenhum desejo de publicar essas suas notas esparsas, muitas vezes sem continuidade [...] na forma de livro” (p. 386, 2017).

⁷ Para saber mais sobre o conceito da *Escrita si*, verificar o texto homônimo de Michael Foucault. FOUCAULT, Michael. Ditos e Escritos – vol. I – Problematização do Sujeito- Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise, 3ed Forense Universitária São Paulo, 2010.

Assim sendo, ao embarcar em Diário do Hospício, precisamos primeiro pensar na etimologia da palavra diário, aos leitores é evidente que se trata daquilo que é contínuo e ordinário e que segundo o dicionário, se confirma, com a origem da palavra diário vinda do latim *diarius.a.um.*; podendo ser entendido também como: *Caderno utilizado para registrar os acontecimentos de cada dia (na vida de uma pessoa); Que se realiza ou acontece diariamente (todos os dias): rotina diária.*

Atualmente, nossos diários não são necessariamente escritos em papel e caneta em um momento íntimo, ou de reflexão de si e do seu dia. O diário da contemporaneidade é alimentado compulsivamente nas redes sociais, instagram, twitter, Facebook e, outros, de instante a instante segundo a segundo. Na qual se não alimentado pelo sujeito que lá projeta virtualmente sua vida, conota quem sabe um vazio, um não pertencer ao mundo. Porém, os registros ali exibidos em sua maioria desvelam uma unidade/padronização, revelam talvez o desejo da igualdade física, mental e sobretudo social, observa-se está similaridade na escrita de Barreto quando ele reflete a respeito da ideia de uma loucura contagiosa “A imitação, que é um poderoso fator de progresso social útil, positivo, pode bem ser contada em sentido contrário [...] e aqui sobra inteligência débil de modo a fazê-la copiar gestos e coisas dos loucos que a cercam ? (2017, p.72). seria a loucura uma patologia contagiosa?

Barreto percebe uma automática assimilação do estereotipo de seus colegas, conforme a convivência vai se tornando rotineira ao ponto de a individualidade perder-se do reflexo do outro. Tais atitudes evocam memórias a respeito do poema “Não sei Quantas Almas Tenho” de Fernando Pessoa,

Atento ao que sou e vejo,
Torno-me eles e não eu.
Cada meu sonho ou desejo
É do que nasce e não meu.
Sou minha própria paisagem,
Assisto à minha passagem,
Diverso, móbil e só,
Não sei sentir-me onde estou.

Os atuais diários contam-nos muito sobre a supervalorização do olhar do outro, mas o olhar do outro define quem sou eu? Ou somente alimenta o vazio, numa relação de dependência, que aguarda pelas afirmações exteriores do próprio existir? Sobre a sensação de vazio, a psicanalista Teresa Pinheiro relata sobre como o tempo é percebido por pacientes com depressão,

[...] Observa-se que não existe uma linha de continuidade entre o presente e o futuro. Há o hoje, o aqui e o agora. O passado é uma sucessão de fatos ou cenas sem vínculo entre elas e o futuro é uma imagem fixa. O tempo não é percebido como contínuo. Entre uma coisa e outra, muitas vezes o que emerge é o vazio [...] (PINHEIRO, 2005, p.05).

Nesse mesmo sentido, diante dos vazios e incertezas, Lima escreve no capítulo III - “A minha Bebedeira e Minha Loucura”, seus temores sobre a vida e, o que o levou a tomar o caminho rumo ao alcoolismo.

“Muitas causas influíram para que viesse a beber; mas, de todas elas, foi um sentimento ou pressentimento, um medo, sem razão nem explicação, de uma catástrofe doméstica sempre presente. Adivinhava a morte de meu pai e eu sem dinheiro para enterrá-lo; previa moléstias com tratamento caro e eu sem recursos; amedrontava-me com uma demissão e eu sem fortes conhecimentos que me arranjassem colocação condigna com a minha instrução; e eu me aborrecia e procurava distrair-me, ficar na cidade, avançar pela noite adentro; e assim conheci o chopp, o whisky, as noitadas amanhecendo na casa deste ou daquele” (BARRETO, 2017, p. 49)

Viver pensando no futuro é considerado um sintoma de ansiedade, de depressão. Mario Quintana nos disse que “O tempo é um ponto de vista dos Relógios”⁸, já a maioria dos sujeitos diz “tempo é dinheiro”. A noção de tempo tornou-se banal a ponto de escapar entre os dedos e o percurso deste se perder em meio a aceleração do tecido temporal de nossas vidas. Já Lima Barreto (2017, p.67), queria que o tempo lhe desse outra vida, queria esquecer a que viveu “Querida que ela fosse plácida, serena, medíocre e pacífica como a de todos”.

Um tempo que vive do aqui e agora, do tempo que voa, do espetáculo, do visível, do descartável, todos esses elementos são muito fugazes.[...] É nesse sentindo que essas depressões diferem, pela relação que estabelecem com o corpo, com a imagem de si assim com a função que a vergonha desempenha, tanto das depressões históricas quanto dos quadros descritos como melancolia”. (PINHEIRO, 2005, p.15).

Assim, umas das primeiras experiências vividas por Lima Barreto na sua entrada no hospício, foi a violência de exposição que o faz sentir vergonha, e pudor pela nudez. Quem sabe o que sentiu? É possível perceber que não apenas uma veste lhe é retirada, e

⁸ Mário Quintana - Das Ampulhetas e das Clepsidras.

sim dignidade moral, assim como as dos outros pacientes que passaram pela mesma prática de tratamento dentro da instituição.

Estava ali que nem um peru, no meio de muitos outros, pastoreado por um bom português [...] Da outra vez, fui para a casa forte e ele me fez baldear a varanda, lavar o banheiro, onde me deu um excelente banho de ducha de chicote. Todos nós estávamos nus, as portas abertas, e eu tive muito pudor. Eu me lembrei do banho de vapor de Dostoiévski, na Casa dos Mortos. Quando baldeei chorei; mas lembrei de Cervantes, do próprio Dostoiévski, que pior deviam ter sofrido em Argel e na Sibéria. (BARRETO, 2017 p. 36).

O vazio e a solidão de passar por tamanha humilhação, fez com que Afonso Henriques de Lima Barreto chamasse a sua companhia grandes nomes da literatura.

Dentre eles, Dostoiévski em, “Recordações da Casa dos Mortos” e Cervantes em “Dom Quixote De La Mancha”, que passaram também experiências prisionais, o que nos indica não somente uma lucidez intelectual ao se comparar com grades literatos, mas também de uma memória de proximidade em uma situação-limite do corpo e da mente; Relata Lilia Schwarcz (2017, p.393) que Lima Barreto era um grande admirador do russo Dostoiévski e aponta “Dostoiévski, que também era considerado um outsider em sua sociedade. [...] não se adaptava bem às elites intelectuais, e tal como Lima, apesar de desdenhá-las, procurava de alguma forma fazer parte delas”.⁹

No que tange às percepções de Lima sobre as instalações do Hospital Nacional dos Alienados durante os dois meses de seu internamento (dezembro a fevereiro), sobre a seção pinel, ele escreve

O mobiliário, o vestuário das camas, as camas, tudo é de uma pobreza sem par. Sem fazer monopólio, os loucos são da proveniência mais diversa, originando-se em geral das camadas mais pobres da nossa gente pobre. São de imigrantes italianos, portugueses e outros mais exóticos, são os negros, roceiros, que teimam em dormir pelos desvãos das janelas sobre uma esteira esmolambada e uma manta sórdida; são copeiros, cocheiros, moços de cavalaria, trabalhadores braçais. No meio disto, muitos com educação, mas que a falta de recursos e proteção atira naquela geena social. (BARRETO, 2017 p. 38).

Geena social. Foi essa a palavra encontrada pelo autor para aludir àquele espaço com o inferno. Não somente ao seu inferno, mas ele, com olhar antropológico e social lembrou que esses indivíduos, geralmente os mais exóticos, que fora dali já sofriam dos mais diversos preconceitos, e nem mesmo em seu espaço de loucura teriam um tratamento digno, permanecendo num suplício eterno de maus tratos, de distinção de cor, e

⁹ Lima Barreto tentou por 3 vezes fazer parte da Academia Brasileira de Letras, mesmo não concordando com a literatura produzida naquele período. “sempre que pôde dezfz da instutuição e do modelo da literatura que essa preconizava, ao menos na visão de Lima”. (SHWARCZ, p. 23, 2014).

estratificação social. Lima ressalta, que nem mesmo a educação e o saber poderiam exercer alguma forma de valorização e a humanização do ser.

A seção pinel era a área destinada aos indigentes, aos mais pobres, sendo está a primeira parada de Lima no Hospital Nacional, ali ele relata sua recepção na Ala psiquiátrica do hospital, “ Aí é que percebi que ficava e onde, na seção de indigentes, aquela em que a imagem do que a Desgraça pode sobre a vida dos homens é mais formidável” (p. 38)

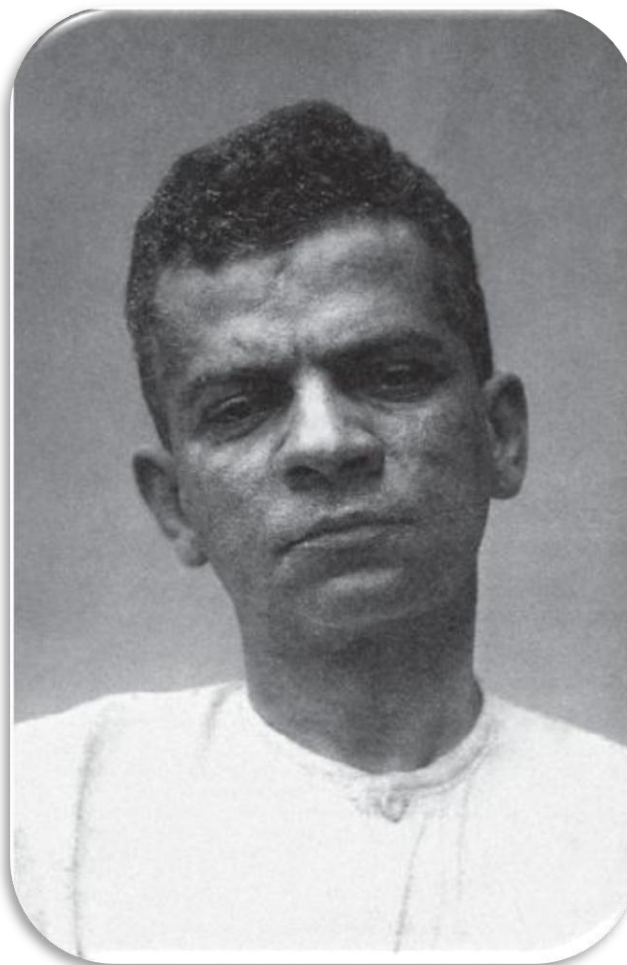


Figura 3 – Fotografia usada para preenchimento da Ficha do seu 2º internamento no Hospital Nacional de Alienados, no ano de 1919. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142019000200137. Acesso: 14/10/2020

Outro elemento que foi destacado pelo literato em seu diário concerne à postura da equipe de alienistas. No excerto a seguir, avalia o atendimento médico que recebeu, “[...] julgo-o mais nevrosado e avoadado do que eu. É capaz de ler qualquer novidade de cirurgia aplicada à psiquiatria em uma revista norueguesa e aplicar, sem nenhuma reflexão preliminar, num doente qualquer” (BARRETO, 2017 p.44- 45).

Inspirados nos mais variados matizes teóricos que caracterizariam a medicina mental européia desde suas origens até o princípio do século XX, os psiquiatras brasileiros produziram e difundiram um conhecimento profundamente eclético, marcado por muitas ambigüidades e contradições, mas que buscava alinhar uma coerência não apenas por meio de sua aplicação prática no âmbito especificamente médico, mas, sobretudo, das possibilidades.

A sintomatologia das doenças mentais construída e/ou veiculada nos textos produzidos por médicos-psiquiatras e legistas entre 1880 e 1930, caracterizar-se-ia, de modo geral, pelo predomínio dos enfoques organicistas e pela abrangência dos aspectos comumente apontados como reveladores da doença mental. Sempre procurando manter-se em consonância com as últimas novidades estrangeiras, os especialistas brasileiros empregariam recursos cada vez mais sofisticados para apreender e examinar os possíveis sintomas de alienação mental, dos mais visíveis aos menos perceptíveis. (ENGEL, p. 161; p.154, 2001)

Barreto critica fortemente a ciência médica, sua metodologia e relata no diário sobre o encontro que tivera com o Alienista Henrique Roxo, “Lê livros da Europa, dos Estados Unidos, talvez; mas não lê a natureza.” (BARRETO p. 37, 2017). Se faz possível então ressaltar que aos olhos dele, a medicina da época não olhava com singularidade para as pessoas, as tratando-as no macro (o sequestro crônico, o preenchimento de fichas com perguntas padronizadas), mas buscando no micro (teorias raciais, medidas antropométricas; busca na hereditariedade para legitimar a loucura) as respostas que apenas reforçariam/ confirmariam os formulários e os métodos importados de outros países.

A respeito dos tratamentos de investigação para conhecer o perfil do paciente, a historiadora Magali Engel apresenta o que seria um bom método de interrogatório para o Médico Henrique Roxo segundo o autor Calderaro,

‘O que fez’ para vir ao exame ou ‘que lhe sucedeu’ para ser internado no Hospício?; ‘Quando’ aconteceu?; ‘Quem’ foi o culpado por sua internação? Ou ‘Quem’ o mandou aqui?; ‘Como’ foi preso?; ‘Porque’ o detiveram?; ‘Em consequência’ de que se acha internado ou detido?’ (CALDERARO, apud ENGEL, P 146, 2001).

No entanto, nem sempre seus relatos sobre os médicos alienistas eram ácidos, assim como podemos inferir na passagem a seguir:

Na segunda feira, antes que meu irmão viesse, fui à presença do doutor Juliano Moreira. Tratou-me com grande ternura, paternalmente, não me admoestou. Fez-me sentar a seu lado e perguntou-me onde queria ficar. Disse-lhe na Seção Calmeil. Deu ordens ao Sant’Ana e em breve lá estava eu. p.40-41

Juliano Moreira foi diretor do hospital entre os anos de 1903 a 1930, um dos médicos mais conhecidos na história psiquiátrica brasileira, O que chama atenção é a forma pueril em que se coloca Lima Barreto em sua escrita.

Diante disso, o quanto de carência familiar ele tinha? Ou será que somente fala dessa forma para que possam os seus leitores compreender e diferenciar os tratamentos dispensados no interior da instituição? “É certo que Juliano tratou-o com simpatia, ouviu-lhe as queixas com paciência mandando afinal que o transferissem da enfermaria de indigentes para a dos pensionistas” (BARBOSA, p. 296)

Ao ser transferido da seção Pinel para a seção Calmeil onde permaneceu por um mês até receber alta, pôde experimentar uma vivência menos conturbada daquela experimentada na ala dos considerados indigentes,

Na Calmeil, o regime de vida era diferente, e lá o autor encontrou tempo e condições de se reinventar e de escrever seu Diário. No cronograma cotidiano, além das horas reservadas às refeições, os internos faziam passeios no pátio ao ar livre, bem como repousavam por longas horas ao lado dos colegas de quarto e de instituição. Havia tempo para a memória; uma forma de sair imaginariamente daquele lugar. (SCHWARCZ, P. 387, 2017).

De acordo com as anotações do diário, verifica-se que Lima Barreto não passou pelas práticas de tratamentos desumanos como eletrochoque, lobotomia e a camisa de força, assim como afirma Schwarcz (2017, p. 389), “Internado nas primeiras décadas do século XX, Lima foi poupado de toda a parafernália que seria inventada anos depois para controlar o delírio”. Mas essa, não foi a experiência da grande maioria das pessoas que passaram por internamentos em hospitais psiquiátricos, aonde eram submetidos a suportarem procedimentos de tratamentos que em geral, não tratavam; reprimiam, violentavam, exerciam poder e controle sobre o corpo do homem.¹⁰

Nesse cenário o eletrochoque¹¹ foi apenas um dos diversos instrumentos que violavam o corpo dos pacientes, sendo usado em momentos para além do terapêutico, com descargas de altas voltagens e sem anestesia, “O aparelho de eletrochoque foi criado no final da década de 1930, utilizado muitas vezes como punição e sem atender a

¹⁰ Neste trecho do texto, a intenção não é a de menosprezar a ciência psiquiátrica - partindo de um viés de vitimização dos pacientes - mas de dar voz e retomar esse acontecimento/passagem históricas percorrendo um caminho intelectual que não condizia com as práticas violentas encontradas na grande maioria dos hospícios, até pouco tempo depois da reforma psiquiátrica no Brasil.

¹¹ Eletrochoque é uma prática ainda conhecida como tratamento terapêutico da psiquiatria, contudo é nomeado Eletroconvulsoterapia (ECT). Atualmente ECT deve ser sempre administrada com o consentimento do paciente e em concordância com os procedimentos de sua administração. Para maiores informações ver o artigo: *Eletroconvulsoterapia: critérios e recomendações da Associação Mundial de Psiquiatria*. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832006000500006>

critérios básicos, como o uso de anestesia”. (BORGES, 2017, p.121). O eletrochoque que teria a funcionalidade de acalmar os pacientes em casos que farmacologia não dava conta foi utilizado como aparelho repressor de controle da “loucura do louco”.

Por conseguinte, se faz necessário à este trabalho aludir a outro espaço de reclusão/aprisionamento da loucura, Hospital Colônia Barbacena. Localizado no interior de Minas Gerais na cidade de Barbacena, o colônia como ficou conhecido, foi marcado por uma história inundada pela algaz desumanidade com seus pacientes. Foi inaugurado no ano 1903 e durante seu funcionamento sessenta mil pessoas perderam a vida.

O Colônia Barbacena, ficou afamado por sua alcunha de corredor da loucura, em decorrência da enorme quantidade de internos que recebia, assim reitera Peron, “Agregou até a década de 80 dezenove dos vinte e cinco hospitais psiquiátricos de Minas, 80% dos leitos da saúde mental do Estado” (p.261, 2014). Desse conglomerado de seres humanos 80% eram considerados indigentes

Desde o início de século XX, a falta de critério médico para as internações era rotina no lugar onde se padronizava tudo, inclusive diagnósticos. [...] a estimativa é que 70% dos atendidos não sofressem de doença mental. Apenas eram diferentes ou ameaçavam a ordem pública (ARBEX, p. 25, 2013).

As internações em Barbacena eram feitas sem diagnóstico, contudo eram possíveis e aconteciam facilmente, pois estavam sustentadas por teorias eugenistas e da políticas de higiene social que pouco se interessavam pelos horrores cometidos. A exemplo disso, o relato a seguir é de uma funcionária recém chegada no colônia: “Duzentos e oitenta homens, a maioria nu, rastejavam pelo assoalho branco com tozetas pretos em meio à imundice do esgoto aberto que cruzava todo pavilhão”.(ARBEX, p.23, 2013)

As condições eram das mais precárias, muitos morreram de inanição, de frio, morreram pelo castigo do eletrochoque morreram pelo abandono familiar e principalmente pelo abandono Estatal que legitimava todas as práticas em prol da higiene social.

A cerca dessas condições, da falta de mobiliário e espaço no hospício Barbacena, vemos em Arbex (p. 23, 2013) um exemplo em que política de controle estatal entregava o sujeito ao hospício não para tratamento mas ao contrário disso, o entregava para morte; “Na tentativa de se aquecerem durante a noite, os pacientes dormiam empilhados, sendo comum que os de baixo fossem encontrados mortos [...]”. A total insalubridade era algo considerado “normal”, desse modo, os pacientes

conviviam em meio aos cadáveres, fezes, urina e, não somente as deles, como as dos ratos com quem dividiam aquele espaço superlotado.

De volta ao Diário de Lima Barreto, nos deparamos com suas impressões sobre os funcionários do Asilo de Alienados. Se em Barbacena as transgressões eram constantes o seu predecessor, o Hospital Nacional dos Alienados já descortinava os caminhos da violência com seus pacientes,

Os guardas em geral, principalmente os do Pavilhão e da seção dos pobres, têm os loucos na conta de sujeitos sem nenhum direito a um tratamento respeitoso, seres inferiores, com os quais eles podem tratar e fazer o que quiserem (BARRETO, 2017, p. 66).

Pouco tempo antes de Lima ser internado, o Hospital Nacional havia passado por uma série de escândalos noticiados pelos jornais cariocas, o estopim das denúncias foi a morte do paciente Pietro Rossi que em decorrência do acontecido foi retirado dali pelo irmão, vindo a falecer logo em seguida de saída numa instituição particular, Schwarcz (p.392, 2017) “de nacionalidade italiana e 61 anos de idade, havia sido espancado e torturado nas dependências da instituição.[...] Seu corpo foi encontrado repleto de equimoses [...]”.

A partir disso o Hospital Nacional se torna alvo de críticas dos periódicos cariocas, direcionando uma maior atenção à instituição que foi considerada ultrapassada e ineficaz no seu desempenho estrutural e administrativo. Uma das possíveis respostas encontradas diz respeito a superlotação evidenciada Schwarcz (p.392, 2017), “Com capacidade para abrigar oitocentos alienados, contava com 1,4mil. Além do mais, qualquer doença servia de pretexto para dar entrada a novos pacientes”. Outras causas também devem ser destacadas como equipamentos antiquados, higiene precária, má remuneração dos servidores e dos enfermeiros.

O número excessivo de indivíduos internados no hospício acabava por transformá-lo em um espaço de misturas, onde não havia separações entre os diferentes tipos e estágios das doenças mentais, nem entre crianças e adultos; ricos, pobres e miseráveis; curáveis e crônicos. precariedade das condições de higiene, a transmissão de doenças contagiosas – responsáveis pelos índices relativamente altos de mortalidade –, a ineficácia dos meios terapêuticos e de controle adotados – transformando curáveis em incuráveis, viabilizando fugas, agressões e suicídios – comprometiam o desempenho das próprias atribuições básicas dos estabelecimentos públicos destinados a acolher, observar e tratar os indivíduos suspeitos ou diagnosticados como doentes mentais. (ENGEL, 2001, p.282).

Nas passagens a seguir destacamos as percepções de Lima Barreto a cerca da equipe geral de funcionários do Hospital Nacional, notar-se-á um caráter analítico

descritivo do comportamento e postura dos guardas e enfermeiros. Além disso, podemos denotar em sua escrita certo cuidado ao registrar o cotidiano deles, tentando também compreender os percalços que se mostravam diante da função, talvez o tenha feito de tal forma, motivado por sua memória ao lembrar do seu pai que trabalhou como almoxarifes no colônia de alienados da ilha do governador.

Os enfermeiros, na seção em que estou, são em geral bons. Há, porém, uma casta deles que não presta. São os tais particulares. Estes são aqueles que os doentes abastados das primeiras classes são autorizados a trazer (BARRETO, 2017, p. 65).

A história de vida de Lima esta intrinsecamente ligada ao hospício, reforçando nesse trecho como é valiosa sua palavra, seu olhar; ele fez aquilo que na história falamos tanto, as tais mudanças e permanências.

Não é dos mais agradáveis e é preciso, além de paciência e resignação para aturá-los, uma abdicação de tudo aquilo que faz o encanto da vida de todo homem. [...] Ouvir durante o dia e a noite toda sorte de disparates, receber as reclamações mais desarrazoadas e infantis, adivinhar as manhas, os trucs e dissimulações - tudo isto, e mais o que se pode facilmente adivinhar, transforma a vida desses guardas, enfermeiros, num verdadeiro sacerdócio. (BARRETO, 2017, p.43-44).

O que ele destaca se faz sensível além de uma questão metodológica, a sua vivência e sua relação enquanto criança e adulto como interno de um espaço de privação em tempos diferentes o permitem o olhar aguçado, contudo sente-se novamente nas entrelinhas de sua escrita a carência de uma criança que viveu situações e sabe o quão difícil foi viver longe do pai enquanto trabalhou na ilha do governador,

3.2 OS LOUCOS DO “DIÁRIO”

“Não há espécies, não há raças de loucos; há loucos só” (BARRETO, 2017 p.55).

Seria a Loucura, uma forma de exercer nossa liberdade? Talvez seja essa uma pergunta sem resposta, mas quando voltamos nossos olhos ao redor, quando olhamos para as praças, para as ruas da cidade é certo que nos depararemos com aquele “doido oficial da cidade”, por vezes ele só se esgueira de canto a canto procurando por um lugar para estar sob a companhia da bebida, por vezes grita, dança, canta e ri em voz alta chamando a atenção ou não, dos transeuntes quase certamente ocupados e ritmados pelo relógio da vida dita “normal”.

A respeito das nomenclaturas aplicadas aos ditos loucos, Lima relata que

Há uma nomenclatura, uma terminologia, segundo este, segundo aquele; há descrições pacientes de tais casos, revelando pacientes observações, mas uma

explicação da loucura não há. Procuram os antecedentes do indivíduo, mas nós temos milhões deles, e, se nos fosse possível conhecê-los todos, ou melhor, ter memória dos seus vícios e hábitos, é bem certo que, nessa população que cada um de nós resume, havia de haver loucos, viciosos, degenerados de toda sorte. (BARRETO, p.55, 2017).

Para suportar as convenções sociais, criamos rotinas de sobrevivência, uma aula de dança, tocar violão ou outro instrumento musical, praticar esportes, cantar, enfim poderiam ser citadas inúmeras referências aqui como exemplo. Já Lima Barreto em seu internamento utilizou a escrita de si, como uma fuga à reclusão imposta. Outro exemplo é o Bispo Arthur do Rosário, artista plástico, criava obras com coleção, ordenação e classificação, o que de algum modo se assemelha ao exercício do diário. Suas obras artísticas foram feitas com muita dedicação durante sete anos em que ele, por escolha, se manteve isolado da grande maioria dos pacientes. Seus trabalhos se constituem pela confecção de estandartes, calçados, mapas e uma instalação com simetrias de botões; nelas transpôs seu universo criativo em um espaço de reclusão a sua liberdade, a arte.

Nesse sentido, a escritora Carolina Maria de Jesus (1914 – 1977), apesar de não carregar o estigma da loucura, carregava o estigma da pele negra, de ser mulher, marginalizada, encontrando na escrita de seu diário “Quarto de despejo”, a sua rotina de sobrevivência, refletindo em uma narrativa antropológica as vivências da favela, da fome, dos medos e da exclusão social.

O artista louco, o gênio incompreendido, busca através da arte a representação de seus anseios, suas perturbações e inquietudes criativas.

Naquilo que é chamado, grosso modo, loucura, há duas coisas: há um furo, um rasgo, como uma luz repentina, um muro que é atravessado; e há, em seguida, uma dimensão muito diferente, que poderíamos chamar de desabamento. Um furo e um desabamento. Lembro-me de uma carta de Van Gogh. “Devemos – escrevia ele – minar o muro.” Salvo que romper o muro é difícilíssimo e se o fazemos de forma muito bruta nos machucamos, caímos desabamos. Van Gogh acrescenta ainda que “devemos atravessá-lo com uma lima, lentamente e com paciência”. Temos então o furo e depois esse desabamento possível. Enquanto uns fazem um furo no muro que separa a razão da não razão, e disso retiram inspiração para a arte (seja literatura, pintura, música, ou até mesmo a filosofia), outros fazem com que o muro seja destruído completamente e são entregues ao lado de fora. (DELEUZE, 2005, p.333-334).

Percebe-se nas escritas de Lima Barreto (2017, p.41), ceno crítico a respeito de seus colegas, e os olha com distanciamento, não compreendendo o que os leva a agir de tal forma ou buscar esse recurso, “[...] não posso deixar de consignar a singular mania que têm os doidos, principalmente os de baixa extração, de andarem nus. Na Pinel, dez por cento assim viviam, num pátio que era uma bolgia do Inferno. Por que será?”

Pode-se intuir de que ao louco resta somente a liberdade de escolher vestir ou não vestir, comer ou não comer. Quem sabe seja essa a forma de rebelarem-se com as diretrizes da clausura na qual vivem? Quem sabe qual o poder de mostrar-se nu perante os outros? Ou ainda, estão nus por preferirem a liberdade da pele a mostra? Seriam os loucos os cidadãos mais livres de nossa sociedade?

Barreto, em um momento de reflexão e solidão, demonstra sua despreocupação com o olhar do outro em relação a sua imagem e o que isso representa no espaço da normalidade social, relatando que “Não me preocupava com o meu corpo. Deixava crescer o cabelo, a barba, não me banhava a miúdo. Todo dinheiro que apanhava bebia. Delirava de desespero e desesperança; eu não obteria nada”.(BARRETO, 2017, p. 52).

O desprendimento vivido por Lima a respeito de sua imagem, pode ser observado também ao desprendimento da própria intenção de viver. A convivência com a morte e o desejo de autodestruição era parte do cotidiano do manicômio e consequentemente de Lima Barreto, exemplifica, relatando que “Ontem, matou-se um doente, enforcando-se. Escrevi nas minhas notas: “Suicidou-se no Pavilhão um doente. O dia está lindo. Se voltar a terceira vez aqui, farei o mesmo. Queira Deus que seja um dia tão belo como o de hoje”” (BARRETO, 2017, p. 68.).

O flerte com a morte se fez presente em seu diário inúmeras vezes, em narrativas que demonstram seu ímpeto de ideário suicida. representado exaustivamente em seus diários, acerca das injustiças da vida, do cansaço e ufanismo sufocante, Lima registrou que “Penso assim, às vezes, mas, em outras, queria matar em mim todo o desejo, aniquilar aos poucos a minha vida e sumir-me no todo universal.” (BARRETO, 2017, p. 67).

O descontentamento com o esforço intelectual no que ele considerava fúteis, ressentido com sua exclusão da elite literatura nacional. Observado no seguinte relato

Vejo a vida torva e sem saída. [...] escrevendo banalidades em revistas de segunda ordem. Eu me envergonho e me aborreço de empregar, na minha idade, a minha inteligência em tais futilidades.[...] tudo me leva para pensamentos mais profundos, mais doridos e uma vontade de penetrar no mistério da minha alma no Universo” (BARRETO, 2017, p. 67).

Muitas vezes seus pensamentos divagavam e se manifestavam nas coisas cotidianas e simples, como conversas com colegas no pátio, uma refeição, uma palavra com algum desconhecido e mesmo em seus pensamentos mais primitivos, demonstrando a companhia inerente de tais observações ao seu ser. Como é demonstrado no seguinte trecho, “Voltei do café entediado. Um vago desejo de morte,

de aniquilamento. Via minha vida esgotar-se, sem fulgor, e toda a minha canseira feita, às guinadas. Eu quisera a resplandecência da glória e vivia ameaçado de acabar numa turva, polar loucura” (BARRETO, 2017, p. 79).

Em seu romance ficcional *Cemitério dos Vivos*, Lima Barreto traduz o que significou sua passagem pelo manicômio e suas impressões sobre tudo que ali estava presente, suas percepções, sentimentos e decepções podem ser traduzidas ou simplificadas na seguinte frase “O espetáculo da loucura, não só no indivíduo isolado, mas, e sobretudo, numa população de manicômio, é dos mais dolorosas e tristes espetáculos que se pode oferecer a quem ligeiramente meditar sobre ele.” (BARRETO, 2017, p. 162).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste ensaio foi possível tecer uma sucinta trajetória da história psiquiátrica brasileira entre os séculos XIX e início do XX, dessa maneira o encontro com Lima Barreto foi importante e, aqui se tornou fundamental para diligenciar uma melhor compreensão sobre a loucura, sobre a depressão, sobre o ambiente manicomial, e no tocante aos indivíduos emergidos nesse meio, sejam eles os médicos ou pacientes.

Com uma escrita pautada na emergência e nas minorias sociais, Afonso Henriques de Lima Barreto que não apenas intuiu na sua escrita, mas sofreu na pele, as adversidades de um Brasil pós-abolicionista, pautado na hegemonia racial, nas injustiças sociais e nas teorias higienistas. Experenciando ainda, anos 1914 e 1919 a reclusão forçada no Hospício, quando registrou na forma de um diário toda sua experiência e testemunho de humilhação vivida.

Se fez necessário ainda, um passeio pela história da depressão e das percepções que a envolveram, buscando conhecer como o conceito desta doença em seus meandros foi se delimitando e criando forma. Desse modo, foi possível compreender que ao longo da história da humanidade a depressão foi designada por diversos nomes, bem como da sua subjetividade, ao ser entendida como algo positivo quando vivenciada pelos artistas da era renascentista ou vinculada a falta de Deus na era medieval, e na atualidade entendida como uma doença mental que bate a porta dos sujeitos contemporâneos com frequência.

Diante disso, trabalhar com o livro “Diário do Hospício” se faz imprescindível pois, ao perceber os acontecimentos gerais do tempo presente vislumbramos uma escandalosa semelhança com as obras do autor. A intenção deste ensaio ao buscar as temáticas da loucura, da reclusão social, da depressão, suicídio são temas pertinentes que de alguma forma respingam em nossas vivências em nosso sentir;

Quando Lima Barreto mencionou em seu diário que se investigássemos o histórico de cada sujeito seria possível “descobrir” todos são loucos, permite-nos possibilidades de refletir a própria noção do que é considerado normal no atualidade, mas principalmente através de seu diário foi possível se aproximar do olhar sensível de um artista que foi considerado louco, porém dentro de sua loucura havia muito realismo e concretude.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fonte Literária

BARRETO, Lima. **Diário do Hospício; Cemitério dos Vivos**. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

Bibliografia

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. São Paulo, Geração Editorial, 2013.

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. 11. São Paulo Autêntica 2017.

BORGES, Viviane Trindade. **Memórias difíceis: Hospital Colônia de Barbacena, reforma psiquiátrica brasileira e os usos políticos de um passado doloroso**. rev. Museologia e Patrimônio. vol. 10, no1, 2017. Disponível em <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/528>. Acesso em 23.set 2020.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Algés: Difel, 2002._____. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo: Martin Fontes, 1992, pp. 211-238.

CLARA, Carlos José da Silva Santa. **Melancolia: da Antiguidade à Modernidade.: Uma breve análise histórica**. Rev. Mental online, v. 7, n. 13, 17 dez. 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/mental/v7n13/v7n13a07.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

DELEUZE, Gilles. A ilha deserta e outros textos. São Paulo: Iluminuras. 2005.

ENGEL, Magali. A loucura, o hospício e a psiquiatra em Lima Barreto. In: CHALHOUB, Sidney [et al] (Orgs.). **Artes e Ofícios de Curar no Brasil**. Campinas: Unicamp, 2009, pp. 57-98.

ENGEL, Magali Gouveia. **Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001. 352 p. Disponível em: <<http://www.precog.com.br/bc-texto/obras/engel-9788575412534.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

ENGEL, Magali Gouveia. **As fronteiras da ‘anormalidade’: psiquiatria e controle social**. *História, Ciências, Saúde-manguinhos*, v. 5, n. 3, p.547-563, fev. 1999. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-59701999000100001>. Acesso em 27 nov. 2019.

GONÇALES, Cintia Adriana Vieira; MACHADO, Ana Lúcia. **Depressão, o mal do século: de que século?** Rio de Janeiro, v. 2, n. 15, p.298-304, jun. 2007. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a22.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2019.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009. Disponível em: <https://meridianum.ufsc.br/files/2017/09/KEHL-Maria-Rita.-O-tempo-e-o-c%C3%A3o.pdf>. Acesso em 01 set.2020

LIMA Barreto. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6209/lima-barreto>>. Acesso em: 29 de nov. 2019.

LUZ, Madel Therezinha. **As instituições médicas do Brasil**. 2. ed. Rede unida, Porto Alegre, 2013.

LUZ, Madel Therezinha. **Notas sobre as políticas de saúde no Brasil de “transição democrática” – anos 80**. PHYSIS – Revista de Saúde Coletiva. v. 1. n. 1, 1991. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v1n1/04.pdf>>. Acesso em: 10/11/2019.

MACHADO, in: **Memória da Loucura: Apostila de Monitoria**. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. 88 p. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/memoria_loucura_apostila_monitoria.pdf

MIRANDA-SÁ JUNIOR, Luiz Salvador de. **Breve histórico da psiquiatria no Brasil: do período colonial à atualidade**. Rev. Psiquiatr. Rio Gd. Sul, Porto Alegre, v. 2, n. 29, p.156-158, ago. 2007.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v29n2/v29n2a05.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. **O início da assistência aos alienados no Brasil ou importância e necessidade de estudar a história da psiquiatria**. Rev. Lat. americana de Psicopatologia Fundamental, [s.l.], v. 7, n. 1, p.128-141, mar. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v7n1/1415-4714-rlpf-7-1-0128.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

PERON, P. R. A trágica história do Hospital Psiquiátrico Colônia. Revista Psicologia, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 261-267, 2014. Disponível em:

PINHEIRO, Teresa. **Depressão na Contemporaneidade**. Rev. Pulsional Revista de Psicanálise, n. 182, p. 101-109, 2005. Disponível em <http://nepecc.psicologia.ufrj.br/wp>

content/uploads/2017/04/depressao_na_contemporaneidade.pdf. Acesso em 10.set.2020.

QUINTANA, Mario. **80 anos de poesia**. São Paulo: Leia, 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto Leitor de Machado de Assis: Leitor de Si Próprio**. In Machado de Assis Linha. Vol. 7 no.14, PP. 22-60, 2014.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática**. Artmed, Porto Alegre, 2007.

Outros

EMICIDA. **Amarelo**, São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. Mp4 – 08:53 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>. Acesso 20/10/2019